

# DESEMPREGO

Falta de postos de trabalho para uma parcela da população economicamente ativa de um país. É expresso, em geral, pela taxa que resulta da divisão do número de pessoas que declaram estar procurando emprego pelo número total da população economicamente ativa.

Desemprego estrutural – A maioria das nações industrializadas vive em regime de pleno emprego do final da II Guerra Mundial até o começo dos anos 70, com taxas de desemprego oscilando entre 2% e 3%. A partir de então, os níveis de emprego vêm caindo e os desempregados não conseguem novas colocações. A isso se dá o nome de desemprego estrutural porque, ao contrário do desemprego conjuntural - provocado pelas fases de recessão -, não é motivado por nenhuma crise específica da economia.

Entre os principais fatores para o aumento do desemprego estão as novas formas de organização do trabalho e o alto grau de desenvolvimento tecnológico. A revolução tecno-científica deste fim de século, responsável pela automação da produção, elimina postos de trabalho ao mesmo tempo que incrementa a produtividade. O setor industrial, o mais afetado, vem demitindo em massa os operários menos qualificados. Já a crescente abertura dos mercados mundiais, fruto da globalização, incentiva a concorrência internacional, obrigando as empresas a diminuir custos. Também provoca a migração de fábricas para regiões em que a mão-de-obra é mais barata, como o Sudeste Asiático. Assim, os postos de trabalho têm sido reduzidos nos países ricos.

Para alguns economistas, o problema está na rigidez das regras do mercado de trabalho: a rede de benefícios sociais trabalhistas e os altos encargos que pesam sobre as empresas estariam inibindo contratações e provocando demissões. Ainda existe a corrente que relaciona o desemprego com o refreamento da economia. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) mostra que a taxa de crescimento do PIB mundial cai de 4% nos anos 60 para 2,5% nos 80, chegando aos anos 90 ainda menor.

Taxas de desemprego – O desemprego manifesta-se hoje na maioria das economias, em especial nos países ricos. Nas nações da União Européia, que nas décadas passadas chegaram perto do regime de pleno emprego, a taxa média de desemprego é de 11,3% em 1996, segundo a OIT. No Japão, que desde meados do século sustenta o pleno emprego, os índices excedem a 5%. Na Austrália estão em 8,5% e no Canadá, 9,8%. Na América Latina, o desemprego se mantém

principalmente porque as economias da região ainda se ressentem da recessão dos anos 80. Na África subsaariana o desemprego aumenta em razão da estagnação econômica. No Leste Europeu acirra-se após 1989, quando começa a transição para a economia de mercado. Nos EUA, ao contrário, os índices vêm diminuindo em níveis recordes, estão por volta de 5,5%, mas a custo da redução dos direitos sociais trabalhistas.

O emprego no futuro – A revolução tecnológica tem originado dois tipos de cenário. Um deles prenuncia uma sociedade pós-industrial na qual a tecnologia elimina mais empregos do que cria, levando à formação de uma classe marginalizada econômica e socialmente. O outro sustenta que a atual onda de inovação tecnológica é similar às ocorridas no passado: destruíram em curto espaço de tempo milhões de empregos mas, a longo prazo, originaram ainda mais postos de trabalho em novos ramos da economia.

Ultimamente já se verifica o surgimento de postos de trabalho, principalmente no setor de serviços. Esse novo mercado tem exigido profissionais com alto grau de instrução. Também revela mudanças na natureza das relações de trabalho: se antes existiam vínculos empregatícios estritos, atualmente crescem os empregos autônomos, não registrados e temporários e as jornadas de meio período.